

IMPRESSÕES DO BRASIL

O Sr. ANDRÉ SIEGFRIED, que esteve recentemente entre nós, estampou, ultimamente, no jornal "Le Petit Havre", na cidade do Havre, na França, uma série de artigos dos mais interessantes sobre o Brasil, suas realidades histórica, física, social e moral. São esses artigos, que nos foram remetidos, em tradução, pelo Serviço de Imprensa do Ministério das Relações Exteriores, que hoje publicamos para que os nossos leitores possam aquilatar do alto sentido de exegese a interpretação que os inspirou, de forma desvanecedora para com o nosso povo.

I — Relações entre o Homem e a Natureza

A impressão dominante que me deixa a estada de um mês, que acabo de fazer no Brasil, é que as relações entre o homem e a Natureza (com letra maiuscula) são nesse país muito diferentes das de nossas regiões de climas temperados, em nossa velha Europa explorada e civilizada já ha seculos. Esse ponto de vista, que qualquer pessoa é tentada a negligenciar quando estuda a America do Sul nos livros ou mesmo nos mapas impõe-se ao espirito quando se visita esse Continente, mesmo sem penetrar profundamente em sua imensidão. Sob esse angulo, que a ninguem tinha ainda preocupado, os problemas tomam novo aspecto, acima de tudo na ordem economica: uma adaptação, uma "mise-au-point" se tornam necessarias para sua compreensão, e ha nisso uma fonte frequente de malentendidos.

Quando o filosofo grego Protagoras dizia que "o homem é a medida das coisas", expressava uma verdade européa. Mas essa verdade faz-se erro manifesto no novo mundo, principalmente na America do Sul, onde o homem perde qualquer senso de proporção com uma natureza demasiado grande para ele. De Pernambuco a Rio ou a Santos, beirei um milhar de quilometros de litoral, mas esse milhar não é senão uma parte, uma fraca parte da costa Atlantica brasileira. Do Rio de Janeiro a Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, embrenhei-me de 500 a 600 quilometros no interior, mas, depois, olhando o mapa, verifiquei que mal havia penetrado na enorme massa do continente, cujas

dimensões desanimam com efeito a comparação. De Norte a Sul, ou de Leste a Oeste, o Brasil tem 4 mil quilômetros; sua superfície atinge quasi nove milhões de quilômetros quadrados; a França caberia tres vezes em Estados como o Pará e o Amazonas, que não passam, em suma, senão de dois dos vinte e um Estados do Brasil.

Essa natureza, que não foi concebida pela nossa escala, esmaga o homem pelo seu poder e é, para falar propriamente, inhumana. Temos que admira-la, ainda que o sentimento instintivo seja de temor, mas de um temor com o qual não tenha ela afinidades. A baía do Rio de Janeiro, esta maravilha de verdade, espanta mais do que não consegue seduzir: essas montanhas de granito sombrio, de fórmias insolitas e gigantescas, a pique sobre o mar e abrindo brechas no céu com agulhas atrevidas, não nos cansamos de admirar tudo isso, mas — todos me disseram — ninguém chega a amar tudo isso, como acontece tantas vezes na Europa das molduras naturais harmoniosas e familiares. A sensação que domina é a de indiferença, de inhumanidade da natureza.

O clima dos trópicos acaba por despaizar o europeu, que não reencontra o ritmo de suas estações, porque ali não ha estações: quando muito verão e inverno, o que significa a estação seca e a estação chuvosa, sucedendo-se quasi sem transição. Quando o sol brilha todos os dias, com um azul garantido, muito menos por isso o olham, e perdem todos o sentido do tempo debaixo de um céu que não se renova. “Não temos necessidade de olhar o céu, escreve um brasileiro, não nos preocupamos com êle, enquanto na Europa, que espera e que alegria ao aproximar da primavera!”

Mais forte ainda é essa sensação do poderio perigoso da natureza quando se topa com a floresta. Na Europa, na França, não sabemos o que seja isso. Entre nós, a floresta tornou-se um ser fraco, que é preciso proteger, porque ela por certo desapareceria se não fosse objeto de uma atenção de todos os instantes, confiada a um corpo de funcionarios especializados. A valorização do solo, isto é, civilização, fez-se ás custas dela. Na America, notadamente na America do Sul, por ser mais tropical, a floresta só é conquistada imperfeitamente. Ao menor descuido ver-se-ia a vegetação retomar o terreno que lhe havia sido ganho. Esse calor humido e constante é gerador de uma vida borborigante e invasora, que não acolhe bem o homem. Assim, as imensas reservas de riquezas naturais do continente Sul-americano deixam uma dupla e contraditoria impressão: primeiro, a confiança justificada

de que essas riquezas são ilimitadas, inexgotáveis ; e depois, ao mesmo tempo, a consciência de que sua exploração, a despeito de certas aparências, é difícil, e de que sua conquista permanece, em suma, precária.

Essas observações eram úteis de fazer, porque esclarecem as condições da vida econômica, sublinhando a necessidade de raciocinar de outro modo que não em nossos velhos países. O campo francês colabora com a natureza, com as estações e, dessa colaboração nasceu um liame complexo, que contém interesse, sentimento, quasi atração física. Os produtos da natureza não são dados, mas o resultado, depois de tudo, é proporcionado ao trabalho de modo que, por ele, o cultivador vem a amar seu esforço. No Brasil, o solo, quasi virgem, não exige do agricultor trabalho semelhante. E, essas culturas, acima de tudo no Norte, estão aparentadas com a simples recoleção. Quando a terra começa a ficar fatigada, basta mudar de sitio e ir um pouco mais adiante. Nas explorações de talhe quasi fabuloso que são certas fazendas, encontram-se frequentemente, ao lado das plantações atuais, antigas plantações abandonadas e caducas. A colonização se faz largamente por êsse deslocamento, deixando atrás de si, não terras conquistadas sobre as quais se possa apôiar um adiantamento novo, mas espaços usados que voltam ao alqueive. O perigo é o excesso de facilidade; mas, do lado oposto, ha o choque do perigo contrário, perigo de uma massa de natureza impenetrável, impossível de vencer. A imensidade, que fornecia base magnífica á confiança, transforma-se então em fonte de desânimo. E, de um como de outro lado, falta ao homem, em relação ás coisas naturais, este sentido da proporção, gerador de disciplina, que mais que qualquer outro traço, caracteriza sem duvida o esforço economico da Europa.

Assim o Sul-americano é, ora um vencedor, ora um vencido, mas, mais raramente, um colaborador regular da natureza. A vida econômica aparece então como uma sucessão de tentativas, das quais algumas triunfam brilhantemente, outras caem redondamente, seja porque o solo se tenha esgotado temporariamente, seja porque os mercados de exportação enfraqueçam e falte o escoa-douro remunerador. Daí, sem duvida, esses traços da vida dos negocios: crises catastrophicas sucedendo a "booms" ruidosos; daí tambem a necessidade de mudar de vez em quando, o produto que serve de base fundamental para a prosperidade. O açúcar, o ouro, a borracha, o café, foram sucessivamente os "leaders" da prospe-

ridade brasileira; amanhã poderá ser o algodão, ou então de novo a borracha. Compete-nos a nós compreender que esse desenvolvimento em circulos sucessivos, com fases alternadas de esplendida exaltação e de depressão, corresponde a condições naturais que constituem justamente a personalidade profunda de um continente.

II — O povo brasileiro

Não ha raça brasileira, como de resto não ha raça francesa, mas existe um povo brasileiro possuidor de um sentimento nacional muito vivo. A formação desse povo, originario de elementos ethnicos heterogeneos, a manutenção de uma unidade politica que até aqui arrastou os anos, a despeito de forças centrifugas poderosas, suscita alguns problemas interessantes. Uma comparação, que se impõe, com os Estados Unidos, torna-os mais interessantes ainda.

O Brasil contava, em 1935, 41.560.000 habitantes; tinha 4 milhões em 1800, 14.434.000 em 1890, 30.635.000 em 1920. O progresso é assim rapido e, no entanto, que são 41 milhões de habitantes para uma superficie maior que a dos Estados Unidos? No litoral e na franja imediata, a densidade varia de 11 a 46 habitantes por quilometro, mas no interior o numero desce a 4 e no centro do país quasi só ha um habitante para 4 quilometros quadrados. A população está de fato agrupada, nos Estados ribeirinhos do Atlantico, entre Pernambuco e o Uruguai; o Distrito Federal, os Estados do Rio de Janeiro, Minas Geraes, São Paulo, com 10 % sómente de territorio, possuem 43 % da população.

Mesmo nesses Estados, o menor passeio de automovel, até 40 ou 50 quilometros das grandes cidades, é feito através de paisagens imensas, magnificas e vasias. Compara-se, por vezes, e não sem razão, o Brasil à India; mas a Asia é borbulhante, saturada de humanidade secular, enquanto o continente americano — será essa uma de suas características demograficas profundas? — permanece semeado de claros estigmatizado por uma relativa esterilidade humana.

O elemento basico do povo brasileiro é o portuguez, que se distingue do espanhol por menos espinha dorsal e por uma boa graça mais langue; o seu "charme", que se adapta tão bem ao clima dos tropicos. No Norte do Brasil, os portugueses encontraram indios; em Pernambuco, ninguem poderia enganar-se nesse

ponto, o fundo da população é nuançada de índio; isto se manifesta na estrutura dos crânios, na tez acobreada, principalmente, nessa atitude indefinível que de longe, de muito longe, lembra a do chinês, por sua fluidez silenciosa, sua reserva defensiva. Mais ao Sul, a presença dos negros outrora trazidos da África como escravos é muito sensível. Na Baía, no Rio, eles são numerosos dando á vida social essa tonalidade que por toda parte levam consigo: a alegria, o "laissez-aller", a preguiça a musica e a dança. Não são eles, como os índios economicamente inúteis; vencem em certos officios, mas não constituem nunca afinal de contas, um fator de atividade; se dois dias de trabalho por semana lhes bastam para viver, não trabalharão mais que isso; quando, nas ruas do Rio, vemos homens sentados sobre muros de pedra, saboreando a volúpia de não fazer nada, esses homens são sempre negros. Mas, que volúpia ha nesse "far-niente" que os occidentais jamais conhecerão!

Ha negros puros e índios puros, mas a regra é a mistura. O português nunca sentiu repugnancia pela mistura, e não encontraremos no Brasil essa barreira ethnica que separa as raças nos Estados Unidos como por um cordão sanitario. Politica e socialmente os homens de côr têm todos os direitos; nada impede um negro de se elevar até o cimo da hierarquia se ele possui os dons e a ambição necessarios. A apatia negra faz com que essas ascensões se tornem bastante raras; o homem de côr se contenta naturalmente com situações inferiores ou modestas; ele é soldado no Exército, servente nos Ministerios, criado nas casas, e quanto mais negro, mais por baixo da escala. No entanto, a fusão já está muito impulsionada, e ela continúa, a ponto de que nos perguntamos se no fim o elemento de côr não será finalmente absorvido no conjunto, imprimindo-lhe sómente uma tinta um pouco mais carregada.

Se fôr assim, o Brasil terá resolvido pacifica e efetivamente o terrivel problema que constitue uma cortina sombria no futuro dos Estados Unidos. Daí a 100 anos, o negro propriamente dito será verdadeira minoria no Brasil; mas nos Estados Unidos o bloco negro severamente isolado, só se pode desenvolver, cada vez mais marcado em seu tipo.

No ponto em que os anglo-saxonicos chegaram a um impasse, a facilidade portugueza encontra, sem a ter procurado, uma solução. O preço pago — os brasileiros conscientes de modo nenhum o ignoram — é o "handicap" dessa presença da côr, fonte

de indolencia e, no dominio religioso, de superstições deleterias. O elemento português, todavia, mesmo levando em conta esses reflexos vermelhos ou negros, continua como a tela do quadro e ha já muito tempo que um povo brasileiro, constituido por essas diversas contribuições existe.

Mas ao povo brasileiro parece ocorrer o que ocorreu aos Estados Unidos no fim do seculo XIX; um affluxo novo de imigração européa veio modificar essa combinação inicial. Os Estados Unidos possuíam, parece-me, uma personalidade ethnica mais marcada em 1895 que em 1920; o mesmo acontece talvez ao Brasil, de 1886 a 1935 entraram no Brasil 4.010.913 imigrantes. Nesse total figuram os italianos com 1.373.722, os portuguezes com 1.149.502, os espanhoes com 558.087, os alemães e austriacos com 230.183. E' preciso acrescentar os japoneses, que eram 173.500 em 1934.

Quasi todos esses imigrantes se dirigiram para o sul do Brasil, que estão colonizando pela forma de uma colonia de povoamento. Por causa deles, o centro de gravidade do país tende a deslizar, do Norte em que estava outrora, para os Estados que estão ao Sul do Rio de Janeiro. Por isso mesmo o país tende a se tornar mais branco. Acrescentemos que a assimilação se faz sempre no sentido português; os recém-chegados aprendem o português e fazem-se brasileiros apaixonados e o mais nacionalista é muitas vezes o que chegou por ultimo. Por detrás desse orgulho brasileiro, ha, parece-me, um orgulho americano; um orgulho de pertencer dora avante a um continente do qual se diz que tem um futuro por si.

Uma impressão superficial leva a insistir sobre as forças centrifugas que ameaçam a unidade do país; demasiado grande, dizem. Mas, semelhante idéa é sem duvida um erro. A unidade existe realmente: na lingua, que leva em si mesma uma tradição de cultura; na civilização, que guarda patriotismo muito vivo que se orgulha do proprio tamanho do Brasil (superior ao dos Estados Unidos), de seu passado que faz dele uma nação velha, de seu futuro, que o aparenta economicamente com os povos novos. Ainda que haja um Brasil tropical e um Brasil temperado, um e outro se unem para formar essa realidade politica: a America portuguesa.

III. — O equilíbrio economico: endividamento, produtividade e transferencia

O equilíbrio economico brasileiro em relação ao estrangeiro suscita alguns problemas de um interesse não sómente primordial mas geral: os problemas tão graves, tão atuais, do endividamento, da produtividade, da transferencia, apresentam-se aqui com uma simplicidade e uma clareza excepcionais.

Temos um imenso país, cujos recursos mal foram, não digo explorados, nem mesmo arrolados; a expressão que vem espontaneamente ao espirito quando se fala neles é que são inexgotaveis. Não ha, entretanto senão 42 milhões de habitantes, e a franja colonizada não se estende profundamente para o interior, de fórma que o caminho aberto á iniciativa é enorme. Assim, estamos logo no coração do problema. Essa valorização, ou simplesmente o equipamento dessa nova sociedade por estradas, casas, trabalhos de urbanismo exige capitais importantes que o Brasil não fornece, ou ao menos fornece insufficientemente, por não ser um país criador de capitais: ainda é muito novo para isso, e tal coisa não está em seu temperamento, porque seus filhos gastam sem acumular; ou então, se acumulam, no favor da prosperidade, fazem-no em quantidades insufficientes para as necessidades de capitais que são massivos desde que a obra economica a emprender seja de alguma importancia. E' preciso assim recorrer ao emprestimo externo.

Desse fato nasce uma divida externa que coloca o Brasil na posição do país novo comanditado por paises economicamente mais evoluídos. Se tomarmos a balança das contas antes da suspensão parcial dos pagamentos de 1934, veremos que a coluna de debito compreende, além das importações, os gravames seguintes (em libras esterlinas ouro): 22 milhões de juros da divida do Governo, das municipalidades e dos Estados, 12 milhões de juros ou dividendos a pagar ao capital estrangeiro, 3 milhões para os gastos do Governo ou dos brasileiros no exterior, 2 milhões e meio para as remessas de imigrantes ás suas familias na Europa, ou seja o total de 39 milhões e meio. Para fazer face a essas obrigações (quando elas são solvidas), o país dispõe exclusivamente do excesso das exportações de mercadorias sobre as importações porque não ha nenhuma exportação invisivel: nem rendimentos de capitais colocados no estrangeiro, nem serviços remuneradores. E' preciso assim que a balança comercial seja, não sómente equili-

brada, mas favoravel e mesmo muito favoravel; senão não existirá nenhum meio de pagar o saldo devedor, cuja transferencia se torna impossivel. Ha, é verdade, um meio, que é um novo emprestimo para pagamento dos juros das dividas antigas, mas esse meio, que não resolve nada, acaba necessariamente, por levar o devedor a uma situação impossivel, no dia em que os seus prestamistas se recusarem a tais operações. Conclusão: enquanto a exportação caminhar, tudo caminhará.

E' aqui que surge o problema da transferencia, em suas relações com o endividamento e a produtividade. Os prazos de que pode dispôr o devedor nada são sem a possibilidade de formar uma riqueza nova, suscetivel de servir de contra-prestação, isto é, de ser exportada a preços remuneradores. Um endividamento improdutivo é irrecuperavel. E' preciso assim, em primeiro lugar, que o dinheiro emprestado seja bem empregado. Não será mal empregado se servir, por exemplo, para melhorar a higiene geral, para modernizar as cidades; a riqueza do Brasil será aumentada por isso; no entanto, as condições necessarias á transferencia não serão realizadas com esse fim. Para que a transferencia se torne possivel, é preciso que seja estimulada a produção de uma riqueza suscetivel de ser exportada; a construção de uma estrada de ferro permitindo a exportação de um minerio até então fóra de alcance, estará, por exemplo, nessas condições, como a colonização de uma região produtora de café, de açúcar ou de algodão. Mas, atenção, isto não é ainda bastante: é preciso que esse café, esse açúcar, esse algodão possam ser exportados. Se o não puderem ser, a transferencia será impossivel, de modo que se cairá sempre na exportação, que é a medida verdadeira da riqueza amoedavel do país.

Ora, o excesso de exportação foi sempre insufficiente para pagar os 39 milhões de libras acima mencionados; salvo alguns anos excepcionais, êle nunca foi geralmente, depois da guerra, senão de uma duzia de milhões. O resto só foi conhecido pelo constante afluxo de capitais estrangeiros, seja sob forma de subscrição de emprestimos, seja sob forma de investimentos. Numa palavra, o equilibrio nunca existiu.

Não quer isto dizer que o Brasil não se tenha enriquecido: o Brasil se pôvoou, equipou-se, embelezou suas cidades, construiu estradas. O que se não desenvolveu suficientemente foi a produtividade de mercadorias suscetiveis de exportação. Talvez, no fundo, não seja o Brasil um país rico. Que me compreendam

bem: o Brasil é rico de produtos, mas é sempre rico de produtos exportáveis. Se a venda do café é má, de que lhe serve a superprodução? As plantações brasileiras são tropicais, notadamente, nos grandes imperios coloniais europeus: o café, o açúcar, a borracha, o algodão mesmo (esperança de amanhã para substituir o café) cultivam-se alhures. A consequencia é que o Brasil pode viver e viver feliz por si mesmo, mas só pedirá dinheiro emprestado se puder exportar. Ora, a exportação, expressa em libras esterlinas, não mostra crescimento evidente: 35 milhões em 1891, 35 milhões em 1934.

Desenha-se assim uma curiosa divisão do Brasil em duas distintas secções economicas. Ha um mercado interior dos preços que não é sensível ás marés internacionais e que evolue, por assim dizer, de fóra, ao abrigo do fluxo e do refluxo dessas marés; desse ponto de vista, a autonomia economica brasileira é espantosa. Depois, ha um mercado que se relaciona com um certo numero de produtos suscetíveis de comercio internacional e com uma certa fração da população (principalmente nas grandes cidades e no litoral). Este mercado sofre direta e violentamente o efeito das crises internacionais, que repercutem no cambio e nos preços; mas no interior, longe das agitações, o milrêis permanece o milrêis sem nada mais. Poder-se-ia fazer a comparação com um tanque fechado, cujo nivel seria estavel, e só se comunicando com o mar por canais estreitos, fechado por eclusas, de sorte que não haja nem interpenetração nem solidariedade efetiva. Quando sobe a maré dos preços, o Brasil externo aproveita plenamente: seu luxo não mais conhece limites. Quando se retira a maré, o Brasil interno continua a viver a mais calma de suas existencias, protegido das tempestades por sua propria simplicidade.

O credor estrangeiro que corre atrás de sua divida só vê um dos aspectos do problema: da mesma forma o brasileiro; este só vê o desenvolvimento de seu país.

IV — A industrialização do Brasil

A balança das contas do Brasil, foi sempre deficitaria: dessa situação só saiu pelo emprestimo para pagar uma parte dos juros ou atraindo capitais estrangeiros para a valorização. Quando, com a crise, os prestamistas recuaram, o serviço da divida externa deixou de ser cumprido: em virtude do esquema Aranha (1934), os credores estrangeiros só recebem nove milhões de libras ao en-

vés de 22. Pode-se concluir que esse sistema de valorização, com o concurso do capital estrangeiro, não encontrou seu equilíbrio. O orçamento continuou constantemente em deficit e o dinheiro emprestado de fóra não foi integralmente compensado.

Expressa em ouro, a exportação, unica moeda de troca internacional do país, não aumentou de modo serio; expressa em mil-réis, ela, ao contrario, cresceu, porque a moeda nacional não cessou de baixar deante de uma inflação crónica; observação curiosa a fazer, ha paralelismo entre a circulação monetaria e a exportação calculada em papel. A exportação parece ter necessidade desse estimulante, e não se acomodaria num cambio elevado. Em verdade, nesse país, novo e exportador, a moeda não é considerada essencialmente como um instrumento de pagamento (como o era outrora na Europa), mas antes como uma especie de alavanca que permite sustentar a exportação, freiar a importação, preencher os "deficits" orçamentarios com emissões de papel-moeda. Assim considerado o cambio aparece como um regulador, debaixo dessa reserva que ele acaba sempre por levar para a baixa, porque a exportação tem necessidade della.

O sistema que vimos de evocar é o do seculo XIX, até a guerra. A Inglaterra, principal comanditaria, emprestava ou colocava capitais que eram largamente empregados em compras de produtos manufacturados britannicos. Ela era assim hostil á industrialização do Brasil. No seculo passado, a Europa, usina especializada do planeta, não desejava de modo nenhum ver os demais continentes fazendo concurrencia nesse papel de exportador industrial: ela achava proveitoso e natural vender ao Brasil locomotivas ou tecidos de algodão e receber dele açúcar ou café.

Esse regime de trocas, que excluía a industrialização do país novo, vae em curso de modificação. E isso está na natureza das coisas, porque no fim de certo tempo todo país novo experimenta uma nostalgia industrial. Se ele não pode exportar artigos manufacturados, quer ao menos fabricar ele proprio uma parte daquelles que consome. Com materias primas locais de mão de obra isso geralmente é possível, tanto mais quanto o Governo não recusa nunca a proteção aduaneira que permita um desenvolvimento em vaso fechado.

Esse movimento é antigo no Brasil: desde a segunda metade do seculo XIX, Mauá, o grande homem de negocio foi seu iniciador. As industrias já eram bastante numerosas ás vespéras da guerra, mas foi acima de tudo depois de 1914 que a expansão

manufatureira se fez rapida. As circunstancias concorriam para isso, porque a Europa nada mais podia exportar, enquanto o Brasil se enriquecia como fornecedor dos beligerantes. Uma industria constituiu-se dessa maneira, mas parece evidente que ela sobreviverá ás circunstancias que a fizeram nascer. Analisemos as condições favoraveis e desfavoraveis dessa produção.

Em primeiro lugar, o país possuie numerosas materias primas (minerios, madeiras, peles, algodão, etc.). Se falta o carvão (ao menos de boa qualidade) ha hulha branca em abundancia. A mão de obra, sem ser nem muito numerosa, nem muito boa (o negro é preguiçoso, o indio imprestavel), apresenta a vantagem de ser extraordinariamente barata (cinco a seis mil réis por dia; ou sejam dez a 12 francos). Depois da revolução de 1930, tem o Brasil uma legislação social bastante estrita, e de outro lado o rendimento é mediocre, mas a vantagem de um nivel de salario tão baixo é evidente.

O passivo, ao contrario, não é negligenciavel. E' preciso importar maquinas, pelo menos as mais complicadas: as fabricações dificeis não podem lutar seriamente contra a concurrencia americana ou européa; emfim, como a exportação, a despeito de algumas cidades grandes, o nivel da vida é efetivamente modesto a ponto de espantar, acima de tudo no Norte. Debaiixo desse belo clima vive-se de nada: como roupas, umas calças de pano, uma camisa, um par de tamancos e é tudo. Como alimento, peixes secos, mandioca, bananas... O algarismo de 42 milhões de habitantes não nos deve impressionar: não são 42 milhões de clientes.

Diversas circunstancias favoreceram recentemente o desenvolvimento industrial. O soerguimento mundial, coincidindo com a insegurança européa, levou numerosos capitais a se refugiar no Brasil, em colocações industriais. Os lucros, ao invés de serem repatriados, como se fazia anteriormente são recolocados no mesmo lugar. Encontrou-se assim não pouco capital disponivel, sem que se fosse obrigado a solicita-lo ao emprestimo externo. A Europa deve resignar-se por isso a perder o escoadouro de certos artigos, dora avante fabricados largamente no país. O desenvolvimento recente de industrias como as de calçado, chapéos, cimento, oleos, produtos farmaceuticos, tecidos de algodão e de seda, é certamente sintomatica, tanto mais quanto se trata parcialmente, de uma emigração de capitais européa. Nossa exportação é chamada, assim, a mudar de carater; ela se tornará antes uma exportação de ma-

quinas, de peças, de artigos finos ou difíceis de confeccionar dos quais terá sempre necessidade o povo jovem que ganha dinheiro.

Assim, á fase do empréstimo de capitais tenderia a suceder-se a fase de colocação dos capitais. Há uma nuança, porque, no empréstimo, ha sempre a esperança de repatriar o dinheiro. Na colocação, o capital imobilizado incorpora-se ao país novo, e muitas vezes o capitalista acaba por segui-lo, porque ele não pode "fazer seus os frutos do capital", como se diz em linguagem jurídica, senão indo colhe-los e utiliza-los "in-loco", deixando assim de se apresentar o problema da transferencia. Será então uma lei natural que o capital, passando os mares, não volte mais?

V — Paisagens brasileiras

Abandonando o terreno economico, quero experimentar algumas impressões visuais do Brasil. Isso é difícil, porque, debaixo desse céu novo, a luz e as côres têm um valor diferente; um pintor, no Rio disse-me que só podia trabalhar com resultado depois das quatro horas da tarde.

O homem desconcerta-se diante da natureza demasiado rica.

Percorri agora quasi todo o continente americano. Em meu espirito ele se reparte em zonas de côres muito nitidas: o litoral do Pacífico, com os Andes, é de tonalidade clara, mas o Brasil, as Antilhas e mesmo os Estados Unidos se classificam numa faixa Atlantica de côr rica e carregada. E' a razão das rochas, que são primarias, negras, cinzentas ou roxas; e tambem a influencia da vegetação que é humida e tropical, isto é, suntuosa, luzidia e por assim dizer brunida. Sob a abobada sombria de arvores tropicais é uma alegria para os olhos a visão de uma negra de roupas vistosas que leva na cabeça um cesto de bananas claras. Paul Morand viu o Brasil verde; eu não vi com outra côr a Martinica ou mesmo a Nova Orleans .

O Rio de Janeiro permanece incontestavelmente a maravilha do mundo. Os aspectos tão variados e a cada momento lembramos de algum outro magnifico sitio analogo; no entanto, sempre para dizer que no Rio é mais belo, muito mais belo. O pano de fundo não tem, creio eu, equivalente na Europa. As montanhas que emolduram a baía estão a prumo ainda mais diretamente que os Alpes acima de Monte Carlo; ali, a floresta virgem subsiste até ás primeiras casas da cidade; o atrevimento do perfil dos cumes é atordoante; dentes de pães de açúcar furam o céu, sem retirar do conjunto da cadeia essa calma divina,

essa harmonia quasi mística das montanhas que se desenrolam em curva em torno de uma baía, como por exemplo, no "Estrel", em Canes. Pensa-se nisso, no Rio, e na lixivia de uma atmosfera marítima e vibrante ha um pouco da mesma côr verde e violeta, do mesmo encanto a um tempo rebrilhante e velado. Ha entretanto, alguma coisa a mais, não sei que lembrança das ilhas do Pacifico ou do Extremo Oriente. Essa fantasia atormentada do horizonte é a de um Kakimono; imagine-se um painel de Leonardo Da Vinci, mas traçado por um Da Vinci chinês. Decididamente não se está na Europa.

Entretanto, essa avenida magnifica que margina a baía, com suas palmeiras reais imensas e magnificas, esse palacio da Gloria, conforme o tipo dos mais autenticos "Palaces" internacionais não é exatamente uma replica de Nice ou de Monte Carlo? Qualquer um pensaria assim se as pequenas ruas que desembocam nessa **super-promenade des Anglais** não, fossem, para falar, propriamente coloniais, com seus **Squares** plantados de arvores tropicais, suas lojas profundas, abertas sem janelas para a via publica, seu povo pitoresco onde se revela, aqui e ali, muito gesto não indio mas africano.

Reencontro Biarritz e a Europa na praia oceanica de Copacabana, onde, numa areia fina, despedaça-se em vagas imensas e lentas o turbilhão verde-azul do Atlantico. Aqui nada mais de Mediterraneo; o mar é o mal do golfo da Gasconha ou das praias portuguesas, perigoso para os banhistas; a montanha verdejante tem o aspecto frisado da **jungle**; na avenida que acompanha a praia, imensos **buildings** em forma de cubos não conseguem estragar a paizagem, mas nos lembram que estamos na America e que é preciso imitar Nova York ou Miami.

O Rio é um **décor** feerico, por detraz do qual está o Brasil. Só penetrei um pouco o Estado de Minas Geraes. A paizagem, pouco variada, é a de um **plateau** montanhoso, espantosamente acidentado de fórmãs geológicas desgastadas, côres fulvas e negras. Pensa-se no planalto central francês; mas aqui a atmosfera, apesar de tudo é a do tropico; pequenos campos de milho, bananais. Nos rios, gente com água pelo joelho procurando ouro. E' uma região mineira; seu futuro, ela o vê no minerio de ferro; seu passado é o dos metais preciosos. No Seculo XVIII, Ouro Preto, Capital da Provincia, contava 60.000 habitantes.

E' hoje uma cidade meio morta, que não contem sem duvida senão uns 15.000 habitantes, num sitio auvernhatá que lembra

Le Puy ou Saint-Flour. Dificilmente se encontraria aí um terreno de aterrissagem, tanto são numerosas as zonas escarpadas, cada qual delas encimada por uma igreja. São encantadoras essas igrejas azul celeste, de aspecto português, de um estilo Luiz XV exasperado, infinitamente suave de nuanças quando as vemos de fóra, rutilantes de um ouro agressivo e iluminurado por dentro. Porque aqui tudo é ainda português: cascatas de arquitetura simples, pintadas de verde claro, de côr de rosa, de azul desbotado; os palacios que encerram pateos internos e jardins complicados. O velho Brasil, tão simples, tão desprovido de pretensões ao progresso americano, sobrevive, intacto, nessas caravanas de pequenos asnos, carregados de canastras, nessa vida de trocas rudimentares que mais lembra o oriente do que o novo mundo do século XX.

“Tudo fugiu, tu não és mais a região das grandezas”. Esse verso do poeta aplica-se a Ouro Preto que, ha quarenta anos, perdeu seu titulo de capital. O Estado de Minas concebeu e creou uma capital nova, Belo Horizonte, 110 quilometros mais a Noroeste. Que diferença! Escolheu-se para o desenho um imenso vale entre montanhas afastadas, e dai a nova capital foi desenhada, organizada, construida dum só jacto. As ruas estavam traçadas, os conductos, as canalizações, preparados, fixados os edificios publicos, antes de existir a aglomeração. Essa cidade nasceu para a vida como um ser vivo que Pigmalião tivesse modelado e que em seguida tivesse chamado á existencia, assim como um ministro inaugura um palacio municipal.

Tudo, de resto, triunfou de um modo absoluto. As avenidas são largas, ensombradas por arvores magnificas. Elas irradiam de praças circulares; as casas são espaçadas e os 200.000 habitantes não chegam a dar a impressão da multidão. O quarteirão administrativo e politico é particularmente bem acabado, as quatro Secretarias (Interior, Finanças, Educação, Viação e Estradas) agrupadas em torno da residencia do Governador. Aqui o velho Portugal está longe; pensamos antes nessas cidades novas do Oeste dos Estados Unidos, que se estendem á vontade na imensidade de um continente prodigo de espaço. As medidas do futuro não serão evidentemente mais as do passado, nem mesmo as de ontem. Contraste simbolico: do Rio a Belo Horizonte (580 quilometros) por estrada de ferro, precisei de 16 horas. De Belo Horizonte ao Rio, de avião, só gastei uma hora e quinze minutos.

VI — Problemas de cultura intelectual

O Brasil descende de duas civilizações: a européa e a americana. Português por origem historica, ele é parte integrante do novo mundo pela geografia. De que lado pende ou penderá o Brasil, eis justamente o problema de seu destino. A Europa, isso se adivinha, está diretamente interessada na resposta, e a França principalmente — veremos já porque.

A impressão portuguesa sobre o Brasil parece indelevel. Os portugueses são, na historia, um grande povo colonizador: eles abriram, durante o Renascimento, algumas dessas grandes estradas mundiais que permitem a irradiação da Europa pelo planeta inteiro; mais que os espanhoís tiveram eles o senso da valorização das terras novas; atraídos, pelas raças exóticas, por uma inclinação singular, eles com elas se fundiram, sem lhes opor esse desdem que é a característica dos anglo-saxões.

A influencia portuguesa, de outro lado, manteve-se com persistencia porque a dinastia do velho país se transportou para o Rio no momento das guerras napoleonicas; a separação que se serviu não teve verdadeiramente o caráter de uma ruptura, visto como o Brasil conservava um soberano português: D. Pedro, o ultimo imperador, reinava ainda quando eu era menino. Vi seu Palacio, hoje transformado em Museu; as lembranças de sua pessoa, de sua influencia, de sua côrte, estão por toda parte. Em comparação com a Argentina, país novo em toda a força do termo, o Brasil faz figura de país venerável, com algumas tradições quasi vetustas e com uma atmosfera de cultura que resce de ainda a aristocracia. A Virginia, o Sul dão aos Estados Unidos uma impressão analoga, em contraste com a juventude triunfante e um pouco vulgar do Oeste, mas, ao Brasil, a presença de uma velha civilização de fonte européa é bem forte, por outro modo.

Não pode deixar de impressionar o nivel elevado da cultura intelectual na elite brasileira. Conhecimento das literaturas européas, gosto pelas leituras refinées, distinção da palestra na sociedade, todos estes são traços evidentes. O povo é ignorante, sem duvida, e a quêda é pesada quando se passa dos quarteirões elegantes aos quarteirões populares, e da cidade ao campo. Entretanto, mesmo os ambientes medios, as preocupações intellectuais, á maneira francesa, são frequentes, muito mais que nos Estados Unidos. Sei por experiencia propria que se pode falar em francês

deante de auditorios de 200 ou 300 brasileiros e ser compreendido exatamente como se o seria em França; pode-se mesmo falar, pormenorizando, de nossa vida politica ou literaria, e todos os detalhes parecem interessar ao publico que conhece e ama a França um pouco como a uma patria.

E' aqui que é preciso colocar uma observação de essencial importancia. A fonte da cultura brasileira estando como está na Europa, é bem preciso que os brasileiros permaneçam espiritualmente ligados ao velho mundo. Normalmente, para Portugal deveriam eles voltar-se. Mas, a despeito de sua vitalidade, a antiga Metropole é pequena demais, demais isolada no extremo do antigo Continente. No seculo XIX, foi a França que desempenhou o papel de guia intelectual, tanto mais facilmente quanto tambem pertence á atmosfera latina e que nunca, entre os povos que descendem da latinidade não fez a França figura de povo estrangeiro. Aí está a razão da influencia que exercemos e que devemos continuar a exercer.

O adjetivo "latino" é vago. Não ha raça latina, mas existe, sem duvida, um modo latino de encarar as coisas; nesse ponto, a lingua faz muito, visto como o francês, o espanhol, e português e o italiano vêm todos do latim; ha mesmo uma concepção comum do direito, dos gostos comuns, na maneira de viver, que são infinitamente poderosos. Não creio que a America espanhola ou portuguesa venha a se libertar dessa atração. A ligação Europa-Brasil está por certo destinada a durar.

Dito isto é preciso voltar á America e lembrar que o Brasil, como os Estados Unidos, faz parte do novo Continente. Ha uma especie de mística americana, que se encontra, por toda a parte a mesma, desde o Canadá até a Argentina; ella se exprime por uma confiança absoluta no destino do novo mundo, do qual não se duvida um só instante que não seja o mundo do porvir. As rivalidades entre a America do Norte e a America do Sul empalidecem diante dessa consciencia mais forte da unidade americana. As dissensões da Europa firmaram mais ainda, depois da guerra, essa vontade que têm os americanos de viver sua propria vida, renegando a solidariedade das desordens e das crises europeas. Desse modo, a influencia dos Estados Unidos será necessariamente cada vez mais forte no dominio material. Quando se tratar da construção de casas, da abertura de rodovias, da organização de serviços de aviação será instintivamente para o lado dos Estados Unidos que o Brasil será tentado a voltar-se. Rio de Janeiro e São

Paulo têm arranha-céus que não os embelezam, mas que também, em tais logares, não espantam.

Mesmo nesse terreno da concorrência economica, creio que podemos lutar. Mas um terreno sobre o qual não devemos, em caso algum, abandonar a partida, é o da influencia intelectual. Nesse ponto, possuímos a tradição, a velocidade adquirida e, posso ajuntar, a simpatia. A obra magnifica, realizada de ha 30 anos para cá pelo Dr. Georges Dumas no dominio do alto ensino é prova disso: graças a ele, todos os anos, em São Paulo, no Rio de Janeiro, e amanhã, na Baía, professores franceses ensinam nas Universidades brasileiras, enquanto liceus franceses matem o conhecimento de nossa lingua e, coisa mais importante ainda, a presença de nossa cultura.

Não se trata de propaganda, palavra deploravel que seria necessario banir. Não é cantando louvores á França que poderemos senti-la, mas delegando para lá franceses conhecedores das questões de que falam que honrem seu país pela competencia. Temos muitos homens desse valor, para mandar. E' preciso saber escolhe-los; será preciso acima de tudo continuar a produzi-los. Creio assim que estamos condenados á superioridade e que a França, simplesmente para se manter, deve visar alto.
